



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIENCIAS HUMANAS
COLEGIADO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

KARLOS VYNICIUS TELES SILVA

**A PAISAGEM CULTURAL DO CENTRO DA CIDADE DE AMARGOSA: UMA
DISCUSSÃO GEOGRÁFICA SOBRE SEU PATRIMÔNIO AMBIENTAL
URBANO E A CULTURA DA PRESERVAÇÃO**

SANTO ANTONIO DE JESUS
2023

KARLOS VYNICIUS TELES SILVA

**A PAISAGEM CULTURAL DO CENTRO DA CIDADE DE AMARGOSA: UMA
DISCUSSÃO GEOGRÁFICA SOBRE SEU PATRIMÔNIO AMBIENTAL
URBANO E A CULTURA DA PRESERVAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade do Estado da
Bahia (UNEB), campus V, no curso de
Licenciatura em Geografia, sob a
orientação do professor Dr. Luís Cláudio
Requião da Silva.

SANTO ANTONIO DE JESUS
2023

FOLHA DE APROVAÇÃO

A PAISAGEM CULTURAL DO CENTRO DA CIDADE DE AMARGOSA: UMA
DISCUSSÃO GEOGRÁFICA SOBRE SEU PATRIMÔNIO AMBIENTAL
URBANO E A CULTURA DA PRESERVAÇÃO

Karlos Vynicius Teles Silva

Aprovado em 23/11/23

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
Geografia da Universidade do Estado da
Bahia (UNEB), campus V, como
requisito para a obtenção do grau de
Licenciado em Geografia, sob a
orientação do professor Dr. Luis Cláudio
Requião da Silva.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luis Cláudio Requião da Silva, UNEB.

Julgamento

Assinatura

Prof. Dr. Jânio Roque B. de Castro, UNEB.

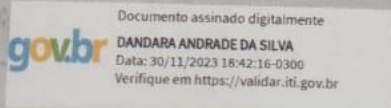
Julgamento

Assinatura

Dandara Andrade, UNIFACS.

Julgamento

Assinatura



RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal analisar o patrimônio ambiental urbano edificado do centro de Amargosa evidenciando sua importância histórica para o município. Amargosa possui em seu território uma diversidade de patrimônios materiais e imateriais os quais expressam suas expressões identitárias. Patrimônios materiais estes, edificados principalmente na primeira metade do século XX, exprimem pontos chave que explicam a própria história do município, desde a influência católica ao ramal da linha do trem. A partir do diálogo com os conceitos de paisagem e patrimônio ambiental urbano, buscou-se perceber as transformações e permanências de tais patrimônios na paisagem amargosense, como também estabelecer a relação Patrimônio, Identidade e Cultura da Preservação, tripé fundamental para a estruturação desta pesquisa. Por fim, refletimos que cabe a sociedade estar consciente de sua própria história e identidade para que compreenda o significado de cada patrimônio, pois o que se teme é que o processo de apagamento da história seja mais rápido que o caminho da preservação. Assim sendo, concluímos que um elo entre comunidade e setores públicos, dando novos usos para estes prédios, é um dos caminhos viáveis que poderá levar ao destino final da preservação.

Palavras-chave: Patrimônio Ambiental Urbano; Paisagem; Cultura da Preservação; Amargosa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 2 – O CONCEITO DE PATRIMÔNIO AMBIENTAL URBANO E SEU REFLEXO NA PAISAGEM DO CENTRO DE AMARGOSA.....	10
1.1 Patrimônio Ambiental Urbano: discussões.....	12
1.2 Subdivisões do conceito de Patrimonio	13
1.3 O Patrimônio e a Cultura da Preservação.....	14
CAPITULO 3 – AMARGOSA NO CONTEXTO HISTÓRICO REGIONAL DA BAHIA	16
2.1 Apogeu e declínio de Amargosa em mais de um século de história.....	17
CAPÍTULO 4 – A PRODUÇÃO DO PATRIMÔNIO AMBIENTAL URBANO NO CENTRO DE AMARGOSA.....	21
3.1 Estação Ferroviária de Amargosa (1892)	25
3.2 Delegacia Pública de Amargosa (1896).....	27
3.3 Lira Carlos Gomes (1905)	30
3.4 Cine Theatro Pérola (1930).....	31
3.5 Catedral de Amargosa (1936)	35
3.6 Estátua do Cristo (1939)	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS.....	41

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Território de Identidade Vale do Jiquiriçá com destaque para Amargosa.....	16
Figura 02: a) Praça Iraci Silva (antiga feira-livre) / b) novo local da feira livre.....	21
Figura 03: a) Casarão de 1899 / b) Casarão de 1931 / c) Casarão sendo demolido.....	22
Figura 04: Mapa de localização dos patrimônios no centro de Amargosa.....	24
Figura 05: Imagem aérea de localização dos patrimônios no centro de Amargosa.....	24
Figura 06: a) Estação Ferroviária de Amargosa em 1940 / b) Estação Ferroviária de Amargosa em 2022	25
Figura 07: Novos usos da Estação Ferroviária.....	27
Figura 08: a) Prédio da Cadeia Pública (sem data) / b) Prédio da Cadeia Pública (Casa do Duca) em 2022	28
Figura 09: a) Placas da reforma, datada de dezembro de 2021 (à esquerda) / b) Placa da inauguração original de 1896 (à direita)	29
Figura 10: a) Lira Carlos Gomes (sem data) / b) Lira Carlos Gomes em 2023.....	30
Figura 11: a) Cine Theatro Pérola em 1930 / b) Câmara Municipal de Amargosa em 2022...	31
Figura 12: Demolição do Cine Theatro Pérola.....	34
Figura 13: Casas construídas em 1954 e 1952, respectivamente.....	35
Figura 14: a) Catedral de Amargosa em 1931 / b) Catedral de Amargosa em 2022	35
Figura 15: Praça Lourival Monte.....	36
Figura 16: a) Cristo Redentor de Amargosa em 1939 / b) Cristo Redentor em 2022.....	37
Figura 17: a) Praça do Cristo, antiga feira livre municipal	38

INTRODUÇÃO

Este trabalho se enquadra no conjunto de preocupações relacionadas a cultura da preservação do patrimônio das cidades brasileiras, baianas e neste caso, especificamente da cidade de Amargosa, situada no Território de Identidade Vale do Jiquiriçá, no Estado da Bahia. Tais preocupações se dão em virtude da acelerada especulação imobiliária, a qual tem como uma de suas principais consequências a destruição do patrimônio ambiental urbano, especialmente na dimensão do seu patrimônio histórico, urbanístico e arquitetônico. Isto é, seu patrimônio edificado. Assim sendo, percebe-se que existe um processo de deterioração do Patrimônio Edificado das cidades brasileiras e baianas, especialmente seu patrimônio histórico arquitetônico. Tudo isto fruto da falta de planejamento urbano e do ordenamento territorial na gestão de nossas cidades.

Tendo em vista ser um estudo dentro do âmbito da Geografia, se torna fundamental o entendimento da dimensão da produção e organização espacial urbana da sede do município, a cidade de Amargosa, ao longo da sua história. Assim como a compreensão da importância do planejamento urbano e do seu ordenamento territorial, incluindo nesta perspectiva a necessária preservação do patrimônio histórico edificado.

Partindo da ideia de que um patrimônio não nasce e sim torna-se patrimônio, podemos dizer que o ser humano, ao longo de gerações, imprimiu na paisagem, de acordo com sua cultura particular, diferentes formas de se relacionar tanto consigo mesmo, como com seus semelhantes e o ambiente ao seu redor. Com isto, foi deixando ‘marcas’ na materialidade produzida nos territórios das cidades. Os objetos desta materialidade podem representar, na sua essência, as expressões identitárias dos coletivos sociais daquele lugar. Com o passar do tempo, esses elementos do espaço construído adquiriram uma importância histórica, como uma maneira de se conhecer ou saber como viveram os antepassados, expressando seus modos de vida, saberes e fazeres. Portanto, vemos que o conceito de patrimônio não pode ser desassociado de cultura e paisagem (SILVA, 2015), já que há uma relação singular entre os termos. Em outras palavras, podemos dizer que o patrimônio cultural

diz respeito aos conjuntos de conhecimentos e realizações de uma comunidade, acumulados ao longo de sua história, que lhe conferem os traços de sua identidade. A partir do patrimônio, nos tornamos únicos. (MINISTERIO DO TURISMO, S/D).

Sabendo da importância de se conhecer e estudar a respeito do patrimônio, que se buscou compreender como a relação Patrimônio – Identidade – Cultura da Preservação se estabelece no município de Amargosa – Bahia.

Amargosa possui em seu território uma diversidade de patrimônios materiais e imateriais os quais expressam sua identidade. Patrimônios materiais estes, edificados principalmente na primeira metade do século XX, expressam pontos chave que explicam a própria história do município, desde a influência católica ao ramal da linha do trem, dentre outros elementos visíveis na paisagem.

Preocupado em manter viva a história do município, retratada a partir destes elementos, sobretudo com relação as gerações mais jovens que desconhecem seus significados, como também sugerir aos órgãos competentes medidas de preservação destes mesmos patrimônios, que neste estudo buscou-se perceber as transformações e permanências de tais patrimônios na paisagem amargosense. Aonde estão localizados no espaço urbano? Eles tiveram sua utilização reconfigurada ao longo do tempo? De que forma?

Como objetivo geral deste trabalho, propõe-se analisar o patrimônio ambiental urbano edificado do centro de Amargosa evidenciando sua importância histórica para o município. Como consequência e afim de chegarmos aos resultados almejados, tem-se como objetivos específicos: examinar o período histórico dos monumentos e sua importância ao longo das décadas; identificar as transformações e permanências do patrimônio cultural de natureza material existente no centro da cidade; compreender as possíveis mudanças no uso do patrimônio cultural edificado; além de discutir o atual estado de conservação dos mesmos e suas implicações para a memória urbana de Amargosa.

Portanto, este trabalho justifica-se pelo interesse em compreender o grau de conservação de alguns monumentos e edifícios simbólicos e como os mesmos se mantem inseridos na paisagem, além de observar se há reutilização para efeitos de permanência da memória da cidade. Após sua execução, este estudo poderá auxiliar os órgãos competentes sobre o uso e valorização adequada do respectivo patrimônio. Mais ainda, este estudo poderá servir, futuramente, como um comparativo entre o passado e o presente dos patrimônios e as transformações ocorridas entre estas fases. Além disso, ser usado como fonte de pesquisa para futuras políticas públicas relacionadas à preservação do

patrimônio, como na execução do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), por exemplo.

Em relação à metodologia utilizada foi realizado levantamento bibliográfico acerca do assunto; pesquisa documental em fontes primárias e secundárias; pesquisa iconográfica em acervos particulares de moradores da cidade; além de pesquisa historiográfica dos monumentos escolhidos.

Tendo em vista o exposto, o trabalho está estruturado em outros três capítulos além desta introdução e das considerações finais. No capítulo 2 fez-se uma abordagem sobre os conceitos de Patrimônio Ambiental Urbano e Paisagem, com base em autores reconhecidos na temática, tais como Santos (1998), Yázigi (2001, 2012), Silva (2015) e Tonasso (2017), como também do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), associando a referida temática à realidade da cidade de Amargosa - Bahia.

No capítulo 3 foi realizado um estudo histórico - geográfico do município em seus diversos aspectos, desde a sua gênese regional, passando pelo auge da cultura cafeeira até o seu declínio, juntamente com a desarticulação do sistema ferroviário e posterior estabilidade local.

Finalmente, no capítulo 4 foi realizado um estudo de alguns patrimônios do centro do município, os quais foram erguidos numa época a qual o mesmo era chamado de 'pequena São Paulo' e 'rainha do café'. Foi neste momento que a elite local imprimiu na paisagem do centro de Amargosa elementos que contam, por si só, a história da cidade. Alguns desses patrimônios permanecem na paisagem, outros tiveram seus usos transformados ao longo das décadas ou foram demolidos. Como veremos ao longo da leitura, para que esta última opção não continue a acontecer é necessária a existência de uma Cultura da Preservação.

Nas considerações finais tecemos alguns comentários inerentes à importância da preservação. Compartilhamos também a ideia da existência de uma aliança entre setores públicos e sociedade para que vejam estes elementos como uma questão de perpetuação da história, memória e identidade.

CAPÍTULO 2 – O CONCEITO DE PATRIMÔNIO AMBIENTAL URBANO E SEU REFLEXO NA PAISAGEM DO CENTRO DE AMARGOSA

Neste capítulo abordaremos a respeito dos conceitos que nortearão a pesquisa. Serão elencados o que estamos denominando de conceitos estruturantes e conceitos mediadores. Dentre os primeiros, enquadra-se o conceito de Patrimônio Ambiental Urbano e Paisagem. No segundo, enquadram-se as categorias de Patrimônio Edificado e Paisagem Cultural. Porém, não poderíamos abordar os conceitos acima elencados sem antes fazer uma breve contextualização sobre o fenômeno ‘cidade’.

De acordo com Milton Santos (1998) a cidade constitui-se como exemplo mais propício para se estudar a transformação do espaço, pois o ser humano ‘adiciona’ objetos ao natural para poder produzir e essa produção manifesta-se hegemonicamente nos centros urbanos. Exemplo maior da transformação do espaço está justamente na constituição das cidades, já que foi através delas que a humanidade aprimorou suas técnicas e descobriu novas maneiras de viver em sociedade. “Estradas, edifícios, pontes, portos, depósitos etc, são acréscimos a natureza sem os quais a produção é impossível. A cidade é o melhor exemplo dessas adições ao natural.” (Santos, 1998, p. 23)

Portanto é na cidade que se dão as principais relações de produção e consumo, é nela que o espaço é constantemente transformado e aproveitado e cada transformação gera, direta ou indiretamente, um impacto para os habitantes daquele meio social. “A cidade é um elemento impulsionador do desenvolvimento e aperfeiçoamento das técnicas. Diga-se então, que é a cidade lugar de ebulição permanente” (Santos, 1998, p. 19).

Amargosa não foge a esta regra, tendo em vista ter sido um importante núcleo de povoamento desde sua emancipação em fins do século XIX até o declínio do ferroviário em meados do século XX. A cidade tem na paisagem, principalmente no seu núcleo de povoamento urbano mais antigo, as marcas deixadas pelo seu passado. Alguns destes elementos resistem ao tempo e ao “progresso” e são preservados, enquanto outros já sucumbiram às transformações impostas pela especulação imobiliária.

Se o espaço é resultado da relação entre o ser humano e o meio, é na paisagem que essa dinâmica se torna visível, sendo ela, segundo Milton Santos (1998), constituída de ‘pedaços de tempos históricos’ que vão se metamorfoseando ao longo dos tempos. Ainda de acordo com este autor

[...] a vida em sociedade supõe uma multiplicidade de funções e quanto maior o número destas, maior a diversidade de formas e de atores.

Quanto mais complexa a vida social, tanto mais nos distanciamos de um mundo natural e nos endereçamos a um mundo artificial (Santos, 1998, p. 23).

Portanto, são as formas que mais nos interessam neste estudo, pois as mesmas revelam diferentes tempos históricos e a cultura da sociedade produzida ao longo do tempo, assim como a formação de suas identidades, através da materialidade produzida no espaço urbano, que posteriormente poderão ou não se tornarem patrimônio.

Assim sendo, ao se estabelecer num determinado local as pessoas, lideranças, governantes, enfim, imprimem naquele ambiente características próprias, podendo estas serem materiais ou imateriais, identificando aquela cultura e tornando-a única. Naquele local, com o passar dos anos, a comunidade vai vivenciar conflitos, aprendizados e partilhas que serão aceitas ou não pela sociedade, fazendo com que aquele ambiente se torne histórico e sinônimo da identidade daquele povo. Desta forma, a paisagem é “o resultado da interação entre a materialidade das formas e o sentimento que desperta nas pessoas que a observam e a vivenciam no cotidiano de suas vidas” (Caetano; Bezzi, 2011, p. 459).

Yázigi (2001) interpreta a paisagem como aquela que é a todo momento modelada pela sociedade, sendo um retrato mais ou menos fiel de suas práticas, de como se vê representada.

A paisagem assume especial destaque, pois é precisamente dela que nos chega muito da percepção. Como externalidade, resulta sempre do casamento do que uma sociedade herda e se apropria, com aquilo que suas necessidades praticam. (Yázigi, 2001, p.34)

Portanto, a paisagem cultural está sempre se modelando e adquirindo novos elementos que a tornam ao mesmo tempo heterogênea e singular. Heterogênea por conta de suas múltiplas representações e singular porque jamais irá existir um povo que interprete um elemento exatamente da mesma forma que outro povo.

Cada cultura imprime na paisagem e descreve a mesma de acordo com a compreensão que tem do mundo e da vida, ou segundo a forma como seus integrantes se comunicam entre si e com outras culturas. (Caetano; Bezzi, 2011, p. 460).

Neste sentido, as autoras acima citadas ressaltam a importância de códigos materiais e imateriais como elementos constituintes de uma paisagem. Elas destacam o estilo arquitetônico, a religião (e suas festas) e a língua como principais símbolos que imprimem marcas e compõem características próprias de uma região fazendo-a distinguir das demais. Segundo as mesmas autoras,

uma cultura pode se manifestar na paisagem por meio de códigos culturais que se configuram como um sistema de símbolos que permitem a visualização dessa cultura. Esses códigos possibilitam, também, a transmissão das características culturais de determinado povo através das gerações (Caetano; Bezzi, 2011, p. 461).

Outro elemento de representação cultural na paisagem é o estilo das casas, que aos poucos deixaram de serem térreas para darem lugar a construção de suntuosos edifícios, modificando a paisagem das cidades que “expressam a manifestação das particularidades culturais de um grupo, apresentando as transformações simbólicas de uma cultura através da temporalidade” (Caetano; Bezzi, 2011, p. 461).

1.1 Patrimônio Ambiental Urbano: discussões

Quando pensamos na palavra “patrimônio”, quase sempre nos vem em mente a ideia de algo antigo, que ficou no passado, desvinculado do presente. Porém não imaginamos que um patrimônio, apesar de ter sido confeccionado, erguido, construído em tempos anteriores, está intimamente associado ao presente. Mais do que isto, ele tornou-se patrimônio por conta de um processo histórico, o qual possibilitou sua inserção e perpetuação na paisagem como um elemento importante na identidade cultural daquele povo. Daí também a importância da Cultura da Preservação.

O patrimônio não surge ‘do nada’, ele representa a forma viva de uma comunidade se expressar, se comunicar, demonstrar sua maneira de valorizar uma determinada crença, ou um determinado líder, ou seja, ressaltar o meio que vive, seu modo de pensar e estabelecer relações sociais, podendo ser estas formas de representação dos mais variados estilos. Com o passar do tempo, de maneira bem gradual, estes elementos tornam-se intrínsecos àquela sociedade e à paisagem, numa relação de tão grande afetividade, que se constitui em seu patrimônio, revelando assim a identidade daquele povo local. Como nos diz Tonasso (2017) “O conceito de Patrimônio só pode existir por meio das relações estabelecidas entre os bens culturais, os indivíduos e o ambiente.” (Tonasso, 2017, p.28)

Portanto, é possível perceber que o conceito de patrimônio está diretamente ligado à noção de cultura e identidade, onde cultura relaciona-se a todos os aspectos que são construídos a partir das relações sociais entre indivíduos, sendo definida pelo próprio Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2012), como aquela que

engloba tanto a linguagem com que as pessoas se comunicam, contam suas histórias, fazem seus poemas, quanto a forma como constroem suas casas, preparam seus alimentos, rezam, fazem festas. Enfim, suas crenças, suas visões de mundo, seus saberes e fazeres. (IPHAN, 2012, p.7)

Da mesma forma, identidade está relacionada ao sentimento de pertencimento, de se sentir inserido numa comunidade, num grupo social, e partir dele partilhar as mesmas aspirações e objetivos, é sentir-se próximo e identificado com o meio, trocando experiências e saberes. “Assim, durante sua vida, as pessoas constroem suas identidades ao se relacionarem umas com as outras em diferentes contextos e situações.” (IPHAN, 2012, p.7).

É neste sentido que surge o conceito de Patrimônio Ambiental Urbano, estando este intimamente associado não somente ao patrimônio por si só, mas também à cultura e a identidade de um povo, a estes elementos ‘adicionados’ à paisagem, como também a todo o ambiente no qual ele foi inserido, como bem explica Yázigi (2012, p.28)

O patrimônio ambiental urbano é constituído de conjuntos arquitetônicos, espaços urbanísticos, equipamentos públicos e a natureza existente na cidade, regulados por relações sociais, econômicas, culturais e ecológicas, onde o conflito deve ser o menor possível e a inclusão social uma exigência crescente. (Yázigi, 2012, p.28)

Neste sentido, evidencia-se que o patrimônio modifica a paisagem e se transforma com o passar dos tempos, seja esta mudança relacionada ao seu uso ou no que se refere as interferências nos aspectos arquitetônicos do interior ou exterior do imóvel, bem como do seu entorno, já que a paisagem que o constitui jamais é estática, modificando-se rotineiramente. Este aspecto pode ser evidenciado em Amargosa nas novas formas de utilização da Estação Ferroviária e da Cadeia Pública, por exemplo, como veremos mais a frente neste mesmo trabalho. Como afirma Santos (1998, p. 24)

A rua, a praça, o logradouro, funcionam de modo diferente segundo as horas do dia, os dias da semana, as épocas do ano. Dentro da cidade e em razão da divisão territorial do trabalho, também há paisagens funcionalmente distintas. (...) A sociedade não mudou, permaneceu a mesma, mas se dá de acordo com ritmos distintos, segundo os lugares, cada ritmo correspondendo a uma aparência, uma forma de parecer. É o princípio da variação funcional do mesmo subespaço. (Santos, 1998, p.24)

1.2 Subdivisões do conceito de Patrimônio

Assim sendo, podemos subdividir o conceito de Patrimônio em duas categorias: os patrimônios materiais, aqueles palpáveis e visíveis no espaço, como as estátuas e prédios históricos, sendo estes patrimônios edificados, os quais estão inseridos na paisagem e representam vestígios da história daquele povo, por exemplo a Catedral e a Estação Ferroviária em Amargosa, e os imateriais, relacionados às festas, crenças e simbologias de uma sociedade, que também constitui o seu patrimônio, como o São João do mesmo município. O IPHAN (2012, p.18) assim caracteriza:

Os bens culturais materiais (também chamados de tangíveis) são paisagens naturais, objetos, edifícios, monumentos e documentos. Os bens culturais imateriais estão relacionados aos saberes, às habilidades, às crenças, às práticas, aos modos de ser das pessoas (Iphan, 2012, p.18).

Portanto, percebe-se que o patrimônio, expressa por si só a sociedade à qual está inserido, seus ideais e anseios, como também revela possíveis mudanças de pensamento que a mesma sociedade pode desenvolver ao longo das gerações. Coli (2010, p.1) diz que

Um quadro, uma escultura desencadeiam, graças à materialidade de que são feitos, “pensamentos” sobre o mundo, sobre as coisas, sobre os homens. Esses “pensamentos”, incapazes de serem formulados como conceitos e frases pela própria obra, provocam comentários, análises, discussões, que se alteram, ao infinito, conforme seja o analista, o universo cultural ao qual pertence, a geração da qual faz parte. (Coli, 2010, p.1)

Neste interim, observa-se que a importância dos patrimônios, conforme dito na citação acima, depende muito do contexto histórico, como também do período no qual o mesmo foi feito, além do ‘histórico de vida’ de quem o analisa, de quais são suas percepções sobre o mundo. Assim sendo, não existe uma ‘imparcialidade’ ou uma verdade absoluta sobre uma mesma representação. Com isto, estas múltiplas interpretações revelarão o estilo de vida, tanto da sociedade que o construiu, quanto o contexto da época, estando, portanto, susceptíveis a mudanças.

1.2 O Patrimônio e a Cultura da Preservação

Nota-se que, por ser elemento constituinte da cultura e identidade de um povo, o patrimônio, independentemente de como seja constituído ou utilizado, deve necessariamente ser preservado, pois se assim não o for, haverá um ‘apagamento’ da história, já que “não existe patrimônio sem historicização.” (Tonasso, 2017, p. 25). Por isso que a preservação se mostra tão necessária, especialmente quando do planejamento

urbano, incluído neste o ordenamento territorial com vistas à preservação de determinadas áreas da cidade e do seu patrimônio, pois é através dele que os cidadãos se veem e se reconhecem, ou seja, o patrimônio precisa ter significado social. Tourinho e Rodrigues (2016, p. 76) explicam que

O conceito de patrimônio ambiental urbano possibilitaria, potencialmente, a preservação de espaços de cidades e uniria ações de planejamento e preservação em torno de uma perspectiva ampla, de constituição cultural de ambientes e das imagens que os cidadãos têm de seus espaços urbanos (Tourinho e Rodrigues, 2016, p. 76).

Esta Cultura da Preservação revela-se necessária em Amargosa, já que atualmente, muitos destes patrimônios tem sido demolidos para darem lugar a outros prédios e construções. Portanto, ter conhecimento a respeito destes equipamentos e sua preservação é indispensável para garantir a perpetuação da história local.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2012, p.13) reforça esta perspectiva ao ampliar ainda mais o conceito de patrimônio, reforçando a ideia de ele estar vinculado a identidade local, independentemente da existência de outras crenças, por vezes, até mesmo contrárias aquelas compartilhadas pela comunidade, ou não possua um valor monetário e sim apenas sentimental, de pertencimento.

A ideia de patrimônio não está limitada apenas ao conjunto de bens materiais de uma comunidade ou população, mas também se estende a tudo aquilo que é considerado valioso pelas pessoas, mesmo que isso não tenha valor para outros grupos sociais ou valor de mercado (IPHAN, 2012, p.12-13).

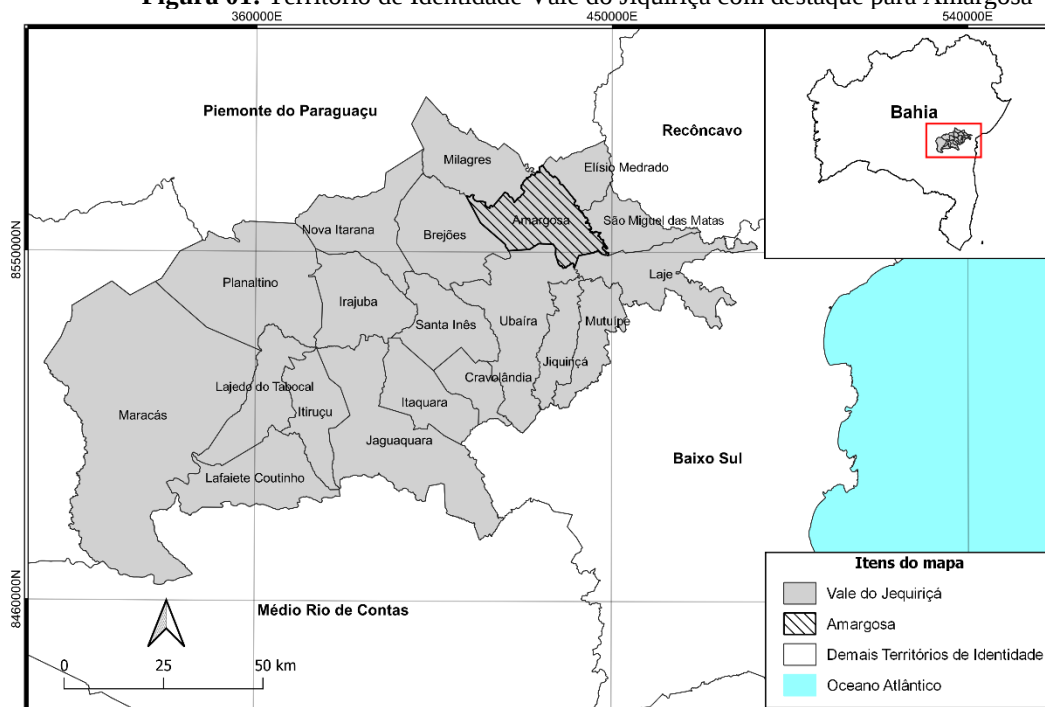
Daí nota-se, mais uma vez, a importância da Cultura da Preservação, pois são estes os elementos capazes de fazer a ligação entre o passado e o presente de uma comunidade, são uma oportunidade para que as gerações mais novas conheçam as vivências de seus antepassados, como também entendam como foi construído o presente, adquirindo conhecimento e colaborando com a preservação. Como afirma Lemos (1979), “percebemos que um dos interesses maiores quanto à conservação do patrimônio ambiental urbano é a conservação da inteligibilidade do espaço urbano, a compreensão da cidade, a leitura da cidade.” (apud Tourinho e Rodrigues, 2016, p. 86).

Buscando o diálogo entre estes conceitos tratados aqui com a realidade local, que no próximo capítulo trataremos sobre a cidade de Amargosa - Bahia e sua importância no contexto regional, sua formação territorial e histórica e importância no período do café e na atualidade.

CAPITULO 3 – AMARGOSA NO CONTEXTO HISTÓRICO REGIONAL DA BAHIA

A cidade de Amargosa, distante 240 km de Salvador, capital do estado, está localizada na região Centro-Sul da Bahia, na divisa entre o Recôncavo e o Vale do Jiquiriçá, pertencendo a este último de acordo com a classificação por Territórios de Identidade. Como é possível visualizar no mapa abaixo (Figura 01), o município faz limite com Brejões, Elísio Medrado, Laje, Milagres, São Miguel das Matas e Ubaíra. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), Amargosa tem aproximadamente 36,5 mil habitantes, possuindo uma densidade demográfica de 84,61 hab./km quadrado e uma média de 2,71 moradores por residência.

Figura 01: Território de Identidade Vale do Jiquiriçá com destaque para Amargosa



Sistema de Referência de Coordenadas: SIRGAS 2000 / UTM zone 24S.
 Fonte de dados: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021); Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (2019). Data: 13/12/2022.
 Elaboração: Anderson Oliveira Lima e Karlos Vynicius Teles Silva.

Com relação à Geografia, o município possui clima úmido, subúmido e semiárido, estando localizado numa zona de transição fitogeográfica entre os biomas da Mata Atlântica, nas proximidades do município de São Miguel das Matas, e Caatinga, no lado oposto, nas adjacências do município de Milagres. Sua temperatura situa-se em torno dos 25 °C, porém costuma registrar um inverno mais rigoroso, onde as temperaturas chegam com facilidade aos 15 °C, devido principalmente a sua elevada altitude se comparada aos municípios vizinhos (cerca de 400m acima do nível do mar). (UFRB, 2020).

Sua economia está baseada atualmente no comércio, principalmente de roupas, calçados e utilidades para o lar, como também na produção agropecuária que abastece a feira-livre municipal, tendo o cacau, o café, a banana e a mandioca como destaques (UFRB, 2020). Amargosa abriga também uma fábrica de calçados, além de um Shopping Center, um comércio pulsante e uma nova Galeria comercial.

2.1 Apogeu e declínio de Amargosa em mais de um século de história

Relatos históricos da Revista Amargosa Centenária (1991), apontam que a formação territorial e histórica de Amargosa se constituiu de um núcleo de povoamento não indígena o qual foi elevado em 1855 a categoria de Freguesia, a qual era dependente do município de Nossa Senhora da Conceição de Tapera (atual Santa Terezinha). Anos mais tarde, em 1877, a referida freguesia foi emancipada e elevada à categoria de Vila. Somente em 19 de junho de 1891, a partir do ato de criação executado pelo então Governador Dr. José Gonsalves da Silva, a Vila de Nossa Senhora do Bom Conselho das Amargosas, a qual carregava em seu nome tanto a influência católica de seus primeiros moradores, como também a existência de pombas amargas na região, passou a constituir-se como cidade, denominando-se apenas ‘Amargosa’. Nesta época, os atuais municípios de Milagres, Brejões e Nova Itarana pertenciam ao território de Amargosa.

A referida cidade conheceu, na primeira metade do século XX, períodos áureos que a colocavam num patamar bem diferente do atual. Sua dinâmica urbana relacionava-se, na época, à economia pastoril e agropecuária, à influência da igreja católica e também aos caminhos da ferrovia. É neste sentido que se observa na paisagem da cidade, ainda nos tempos atuais, resquícios destes aspectos que remontam a um período ‘de ouro’ vivido pelo município.

Como destacou Lins (2007), no início do século XX, a economia, não só de Amargosa, mas do Brasil como um todo, estava vinculada a exportação do café por uma série de fatores, como o clima e relevo os quais possibilitaram a adaptação do produto à região e seu alto valor econômico no mercado internacional. Lins (2007, p. 72) sobre o período do café afirma que

o cenário estava montado para o florescimento de uma nova e importante região agrícola dentro do Estado da Bahia no final do século XIX, organizada em torno de um produto de exportação, até então, com grande poder de gravitação econômica, política e populacional que gradualmente dinamizava as relações espaciais, criando infra-estrutura (sic) para sua produção e comercialização. Nesse período, o já

município de Amargosa, apresenta-se como o centro desta nova região de economia basicamente cafeeira e, em menor escala, o fumo.

Sendo assim, todos estes fatores em conjunto, associados a existência de uma malha ferroviária que facilitava o escoamento até a capital baiana, e depois para o exterior, possibilitaram que a região de Amargosa se despontasse como um local rico e próspero, sendo chamada inclusive de “Rainha do Café” e “Pequena São Paulo”. Rebouças (2013, p. 112-113) afirma que

O modelo agroexportador reforçou a predominância do café como principal produto do período. E Amargosa, também intitulada como ‘Rainha do Café’ do estado da Bahia, passou a ser comparada a um dos maiores centros de produção e comércio da região do tão valioso ‘ouro verde’ (...) Constituindo importante status de polo regional, até a década de 1930, a cidade ficou conhecida como a ‘Pequena São Paulo’ devido a pujança econômica determinada pela forte lavoura cafeeira (Rebouças, 2013, p. 112-113)

Tendo em vista o exposto acima, é provável, como veremos adiante, a influência da cultura cafeeira na região e na sede do município de Amargosa, pois essa cultura movimentou a economia e, conseqüentemente, viria a transformar a paisagem do centro do município de tal modo que foi chamada de ‘pequena São Paulo’ e ‘rainha do café’. Isto nos faz imaginar as grandes pretensões da elite local em modernizar e dar nova cara ao centro da cidade. Ainda sobre a produção e escoamento do café em Amargosa neste período, Marques (2010, p. 31) nos conta que

Nestas terras das “amargosas” as primeiras atividades econômicas foram de caráter extrativista e agrícola. Muitas culturas foram apontadas como desenvolvidas no início de sua formação e na primeira metade do século XX. Todavia, foram sem dúvida as culturas do café e do fumo as mais rentáveis ao município. Foi a partir da crescente produção agrícola que se fez a criação de uma dinâmica econômica baseada na armazenagem e no escoamento dos referidos produtos. (Marques, 2010, p. 31)

Lins (2007) em sua dissertação de mestrado acerca da região de Amargosa propõe, inclusive, a divisão histórica regional em quatro grandes fases que merecem ser mencionadas: Gênese Regional (1840-1889), Consolidação Regional (1890-1940), Ilha de Inércia (1941-1970) e Reestruturação Regional (a partir de 1971).

Sobre o período chamado por Lins (2007) de Gênese Regional, o autor aponta este período como aquele transpassado entre a constituição do núcleo de povoamento até sua emancipação política. Trata-se, portanto, do período embrionário de Amargosa enquanto

vila. Após a emancipação política do município, chega-se ao período chamado pelo mesmo autor de Consolidação Regional, época na qual Amargosa vivenciou seu auge de desenvolvimento, com a construção de praças, jardins e melhorias na infraestrutura, sobretudo do centro da cidade.

Este processo estava atrelado a três fatores fundamentais destacados por Lins (2007): a localização do município, entre o Sertão e a Zona da Mata, a economia do café e a existência da Estrada de Ferro de Nazaré, a qual ligava o município a outras cidades baianas, sobretudo ao Porto de Nazaré, onde o café amargosense destinava-se à exportação. Portanto, o capital gerado pela exitosa lavoura cafeeira colocava Amargosa numa posição de destaque a nível regional. Sobre este período, Lins (2007, p.89) ressalta que

pode-se afirmar que o tripé; localização estratégica, economia cafeeira e a criação do Ramal da Estrada de Ferro Nazaré constituem em elementos-chave, que combinados promoveram a ocupação e florescimento econômico da região de Amargosa no período que vai de 1890 a 1940. Sua localização, com foi visto, lhe conferiu característica de entreposto comercial. A economia cafeeira proporcionou-lhe o acúmulo de capital necessário para motivar importantes transformações no espaço regional, culminando na implantação da estrada de ferro, que possibilitou uma maior fluidez econômica. (Lins, 2007, p. 89)

Este contexto fez com que a elite local pressionasse as autoridades municipais a construir equipamentos públicos os quais deixassem explícito a condição de realce do município. Sendo assim, neste período foram construídos, além da Estação Ferroviária, o Cristo Redentor, a Praça Lourival Monte, o Cine Theatro Perola, a atual Igreja Matriz entre outros equipamentos.

Porém, acompanhando a crise vivenciada pelo Brasil e pelo mundo em 1929, quando houve a quebra da Bolsa de Nova Iorque, as exportações de café diminuíram drasticamente e a partir de então deixou-se de existir o incentivo à construção de equipamentos urbanos, para se vivenciar um período de inércia, demarcado por Lins (2007) entre os anos de 1940 e 1970. Neste período, além de perder o destaque proporcionado pelo café por conta da crise, entre outros fatores, Amargosa se desarticula da Estrada de Ferro de Nazaré no ano de 1966, fruto da política rodoviarista que vinha se desenvolvendo no país desde o governo JK em 1950.

Portanto, o governo nacional passou a incentivar a construção de grandes rodovias neste período (por volta da década de 1950), deixando as ferrovias de lado, o que fez com que Amargosa perdesse seu destaque regional para o município de Santo Antônio de

Jesus, privilegiado por estar as margens da BR-101, da mesma forma que Amargosa estava as margens da Estrada de Ferro de Nazaré nas primeiras décadas do século XX. Então, observa-se que houve uma perda da centralidade do município existente até então, obrigando-o a se reestruturar.

As transformações advindas a partir da década de 1940, marcadas pela substituição da área de plantio por pastagem e as mudanças no sistema de transporte, conferindo às rodovias um maior peso, beneficiaram bastante o Município de Santo Antonio de Jesus, distante 40 km de Amargosa. (...) A cidade de Amargosa assistiu sua área de polarização bastante reduzida e absorvida por Santo Antonio de Jesus. (Lins, 2007, p.105)

Assim sendo, após perder seu destaque regional, Amargosa precisou buscar outras formas de continuar em evidência. Para isto recorreu a novas estratégias afim de movimentar a economia do município. Isto acontece a partir de uma nova divisão temporal feita por Lins (2007). O autor chama esta etapa de Reestruturação Regional, a qual compreende o período a partir do ano de 1971. A partir deste período os governos municipais decidem apostar em novas formas de colocar a cidade em realce. Uma destas iniciativas foi a comemoração dos festejos de São João, constituídos da forma como se conhece atualmente a partir da década de 1990. Mais recentemente, a chegada da UFRB, nos anos 2000, tornou o município mais conhecido, gerando inclusive uma necessidade de maior infraestrutura para atender tanto os munícipes, quanto estudantes universitários que vem a residir temporariamente na cidade.

No próximo capítulo veremos os impactos deste processo no patrimônio ambiental urbano propriamente dito. Na sequência nos atentaremos a estudar aqueles que foram erguidos na fase de Consolidação Regional apontada por Lins (2007), ou seja, entre 1890 e 1940. Isto é, a época citada anteriormente com relação a hegemonia do café. Neste mesmo período se instalaram os equipamentos que viriam a se tornar, com o tempo, patrimônios culturais municipais, os quais merecem (ou mereciam) serem preservados. Neste sentido, a partir deste ponto nos atentaremos a construir um breve relato dos patrimônios os quais por si só, ajudam a contar a história de Amargosa, como também sua utilização no passado e no presente, como também o estado de conservação atual, além de uma breve análise iconográfica destes mesmos elementos.

CAPÍTULO 4 – A PRODUÇÃO DO PATRIMÔNIO AMBIENTAL URBANO NO CENTRO DE AMARGOSA

Antes de falarmos dos patrimônios em si, é importante observarmos a paisagem do centro da cidade em estudo e suas transformações ao longo do tempo. Um exemplo claro de transformação espacial visível na paisagem de Amargosa foi a mudança de localização, na década de 1990, da feira-livre municipal, a qual gerou significativos impactos ao comércio local e mudanças na paisagem. Como é possível observar na figura 02, abaixo, a referida feira sai da área central da cidade para outra um pouco mais distante. Com isto, no novo local, as residências existentes, pouco a pouco transformaram-se em estabelecimentos comerciais, fazendo com que atualmente exista um comércio mais ‘recente’ no entorno da mesma. Por outro lado, no centro continua a existir lojas que testemunharam a antiga feira, trocada por uma praça que envolve um dos patrimônios mais conhecidos do município, a estátua do Cristo Redentor, patrimônio existente desde os tempos da antiga feira-livre, estátua a qual será mencionada posteriormente neste mesmo trabalho.

Figura 02: a) Praça Iraci Silva (antiga feira-livre) / b) novo local da feira livre



Fonte: Silva, trabalho de campo, 2022

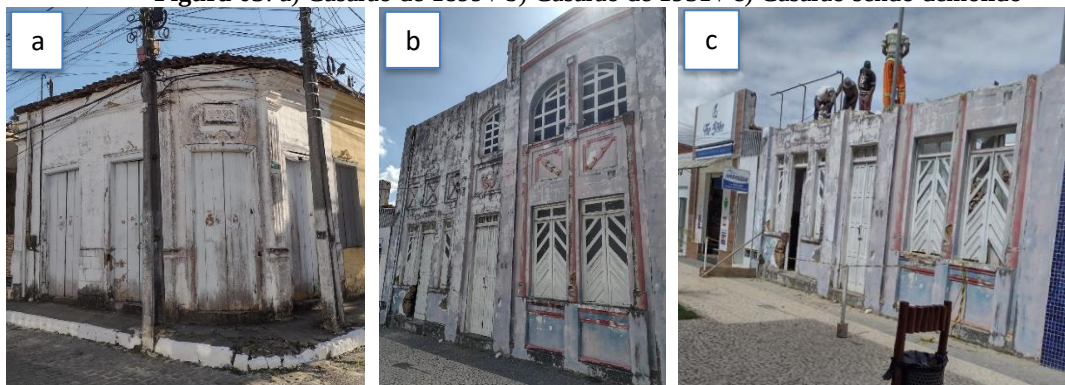
Por falar em patrimônio, mais especificamente em patrimônio material, pode-se exemplificar em Amargosa, as casas construídas no final do século XIX e primeira metade do século XX, com destaque para a Estação Ferroviária, a Igreja Catedral e o prédio da Antiga Delegacia. Com relação ao patrimônio imaterial destacam-se as festas, principalmente de São João, realizada anualmente no município, do modo como conhecemos atualmente, desde a década de 1990.

Vemos que algumas ruas do centro de Amargosa dispõem de casas simples de apenas um pavimento, mas compridas em seu interior. Em suas fachadas destaca-se a

datação do ano no qual foram construídas, sendo bastante similares entre si. Desta forma é possível perceber que muitas delas foram erguidas no período do apogeu da cidade, sobretudo no máximo até o final da década de 1950. Porém, algumas casas mais antigas vêm sendo, recentemente, substituídas por outras construções, as quais algumas vezes estão em desacordo com o estilo arquitetônico da paisagem circunvizinha, sendo este um problema tendo em vista a necessidade de uma Cultura da Preservação.

Nas imagens a seguir (figura 03) podemos ver, à esquerda uma construção datada de 1899 em sua fachada, sendo uma das casas mais antigas ainda de pé no centro da cidade, situada na esquina da Rua Moreira Coelho, a mesma do Cine Theatro Pérola, um dos patrimônios o qual será citado mais a frente neste mesmo trabalho. Ao centro da imagem vemos outro casarão, datado em sua fachada de 1931, localizado na Travessa Almeida Sampaio (conhecida por Calçadão), acesso de pedestres entre a Praça do Cristo e a mesma rua Moreira Coelho citada anteriormente, no centro da cidade. Este último prédio, inclusive, infelizmente foi derrubado poucos meses após a fotografia central (b) ter sido tirada.

Figura 03: a) Casarão de 1899 / b) Casarão de 1931 / c) Casarão sendo demolido



Fonte: Silva, trabalho de campo, 2023

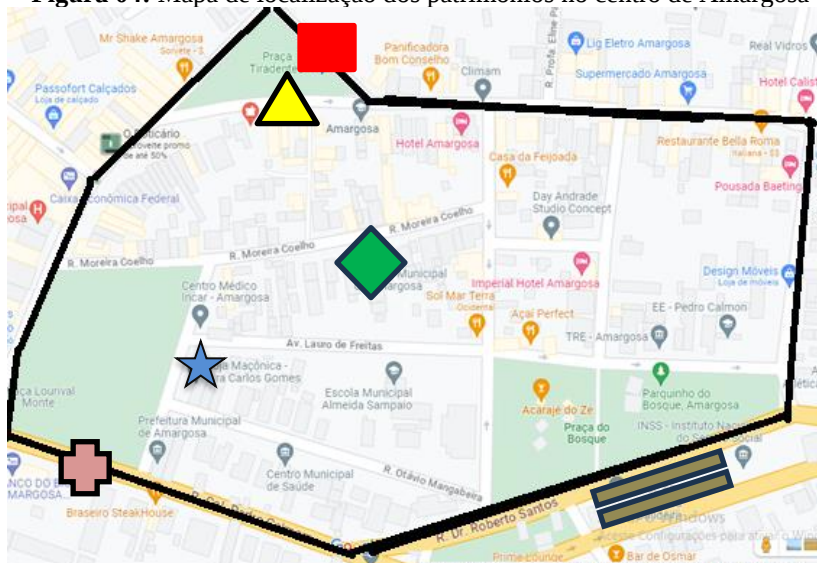
Neste sentido, em Amargosa, os códigos materiais que dão identidade ao município estão presentes na arquitetura de algumas casas do centro da cidade, que revelam seu período de construção. Estão presentes também nos símbolos considerados como patrimônio, por exemplo, na Estação Ferroviária, que indica os caminhos pelos quais o trem passava e os impactos por ele deixados no trajeto, nas igrejas que demonstram a religiosidade local, entre outros aspectos que na paisagem revelam a história da própria cidade. É desta forma que abordamos o conceito de patrimônio, como aqueles objetos adicionados ao espaço vivido, que representam uma determinada sociedade e a simbolizam ao longo do tempo e que necessitam de urgente preservação.

A existência da ferrovia e de uma elite cafeeira instalada no município possibilitou o desenvolvimento de um projeto de urbanização que visava ‘modernizar’ seu núcleo urbano através da construção de praças, jardins e elementos arquitetônicos que representassem esta mesma elite. Nesta época, Amargosa já possuía um núcleo urbano estruturado com delegacia, capela, lira filarmônica, cineteatro, entre outros recursos que serviam à população local, como é possível observar a partir da datação de construção destes prédios, todos erguidos entre o final do século XIX e primeira metade do século XX.

Na sequência veremos cada uma das edificações acima citadas, para daí fazermos as conexões possíveis entre alguns conceitos da Geografia, associados ao patrimônio ambiental urbano. Buscou-se também trazer imagens da paisagem de onde estes patrimônios estão localizados numa tentativa de se fazer um paralelo entre o passado e o presente, a partir do estado de conservação dos mesmos.

Nas imagens será possível notar que muitos destes patrimônios encontram-se conservados, estando inseridos e integrados ao contexto urbano de Amargosa. Desta forma observa-se que, quando a população ocupa e utiliza do equipamento urbano cotidianamente, a tendência é de que ele seja preservado. Vale notar que a Delegacia Antiga e a Ferroviária, por exemplo, tiveram seus usos transformados ao longo do tempo e atualmente tem sua utilidade totalmente distinta da original, enquanto que outros patrimônios aqui citados permanecem com o mesmo uso de quando foram inaugurados, já outros, após um tempo de desuso, foram demolidos.

Para facilitar a localização trouxemos mapa e imagem aérea (figuras 04 e 05 a seguir) os quais identificam os patrimônios no espaço urbano do centro da cidade de Amargosa, sendo cada um representado por símbolo conforme legenda. Assim sendo, nota-se que os patrimônios escolhidos para este trabalho ocupam espacialmente o centro do município, no perímetro urbano circunscrito pelas praças do Bosque, Lourival Monte e do Cristo, constituindo-se assim seu núcleo de povoamento urbano mais antigo. Todo este espaço é caracterizado pela existência de construções mais antigas, de finais do século XIX e meados do século XX, pelo comércio e por outros elementos que ajudam a contar a história local, a qual nos remeteremos a seguir a partir do estudo dos próprios patrimônios.

Figura 04: Mapa de localização dos patrimônios no centro de Amargosa

Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor)

Figura 05: Imagem aérea de localização dos patrimônios no centro de Amargosa

Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor)

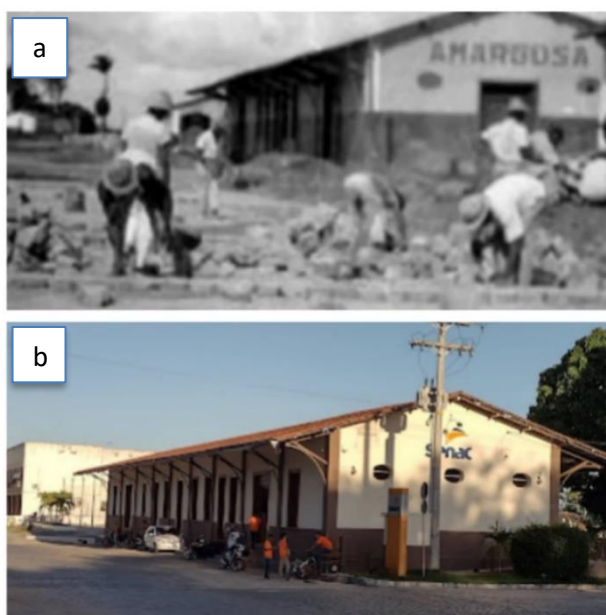
LEGENDA:	
	Antiga Delegacia (atual Casa do Duca – UFRB)
	Estátua do Cristo
	Cine Theatro Pérola (atual Câmara Municipal)
	Catedral Nossa Senhora do Bom Conselho
	Estação Ferroviária (atual Senac)
	Lira Carlos Gomes

A ordem de citação dos patrimônios segue a linha cronológica de suas inaugurações, do mais antigo para o mais recente. No caso do Cine Theatro Pérola, como o mesmo foi demolido, a foto atual foi substituída por uma fotografia da Câmara Municipal, prédio este construído no mesmo local do patrimônio citado anteriormente.

3.1 Estação Ferroviária de Amargosa (1892)

Com relação ao prédio da Estação Ferroviária de Amargosa (Figura 6), sinal visível do principal e por muitos anos único local de interligação da cidade com outros centros urbanos e de transporte do café. Inaugurado no ano de 1892 (Giesbrecht, 2016) e como afirma Lins (2007), “a implantação da ferrovia significou aumento de progresso e desenvolvimento urbano, social e econômico para a cidade e toda a região”.

Figura 06: a) Estação Ferroviária de Amargosa em 1940 / b) Estação Ferroviária de Amargosa em 2022



Fonte: a) estaçõesferroviarias.com.br b) Silva, trabalho de campo, 2022.

Nesta época a cidade ficou conhecida por ‘pequena São Paulo’. Porém com a ascensão do rodoviarismo, sobretudo a partir da década de 1950, diversas linhas férreas entraram em decadência, tendo sua utilização bastante reduzida.

A linha de Amargosa foi desativada no ano de 1967 (GIESBRECHT, 2016) e de lá até os dias atuais o prédio já foi utilizado de diversas maneiras, como biblioteca municipal, depósito, espaço para eventos e camarim para as bandas que se apresentam no

tradicional São João realizado anualmente no município. Após ser utilizado por alguns anos pela Fundação Bradesco, atualmente o prédio encontra-se completamente reformado e preservado, mantendo sua fachada original com várias portas e janelas, e abriga um núcleo do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), fruto de uma parceria com a Prefeitura Municipal, tendo suas salas ‘transformadas’ em salas de aula dos mais variados cursos técnicos aplicados pelo serviço, como informática, culinária, corte de cabelo, maquiagem, empreendedorismo, entre outros.

O patrimônio está situado na paisagem do Bosque, praça multiuso destinada aos mais diversos eventos ao longo do ano. O Bosque tem seu auge de utilização nas festividades juninas, sendo preparado com antecedência de vários meses. O palco da festa costuma ser montado em frente à Estação Ferroviária. Até o ano de 2019, em seu espaço as bandas e equipe técnica realizavam os últimos ajustes nas salas transformadas em camarim, antes de se apresentarem no tradicional São João do município.

Assim sendo, observa-se que o patrimônio adquiriu novos usos, pois como já foi dito anteriormente, os espaços podem adquirir novas formas de utilização com o passar do tempo, justamente por não serem estáticos. Nota-se que o patrimônio mantém o estilo da época original em seu exterior, porém com novas utilizações e mudanças na parte interna. Mesmo assim, observa-se uma preocupação na conservação do equipamento que, mesmo após o fim do seu uso original, manteve-se integrante da paisagem de importante praça do município.

Para efeito comparativo algumas cidades próximas acabaram por demolir ou simplesmente não preservar as características originais de suas estações ferroviárias, o que sinaliza uma falta de valorização da própria história, já que elas contribuíram significativamente com o Recôncavo e Vale do Jiquiriçá. Em Amargosa, apenas verifica-se a falta de uma placa que aponte externamente para turistas e também amargosenses, a importância do equipamento na história do município, ou até mesmo uma réplica de uma maria-fumaça, a qual viria a completar a paisagem, devido a sua referência histórica.

O patrimônio, portanto, está inserido na paisagem de Amargosa, adquirindo, inclusive novos usos a depender do momento histórico-cultural vivenciado pelo município. Na imagem 07, a seguir, vemos o palco do São João 2019 sendo montado na Praça do Bosque, em frente à Estação Ferroviária, sendo possível observar um contraste estético com relação às suas utilizações.

Figura 07: Novos usos da Estação Ferroviária



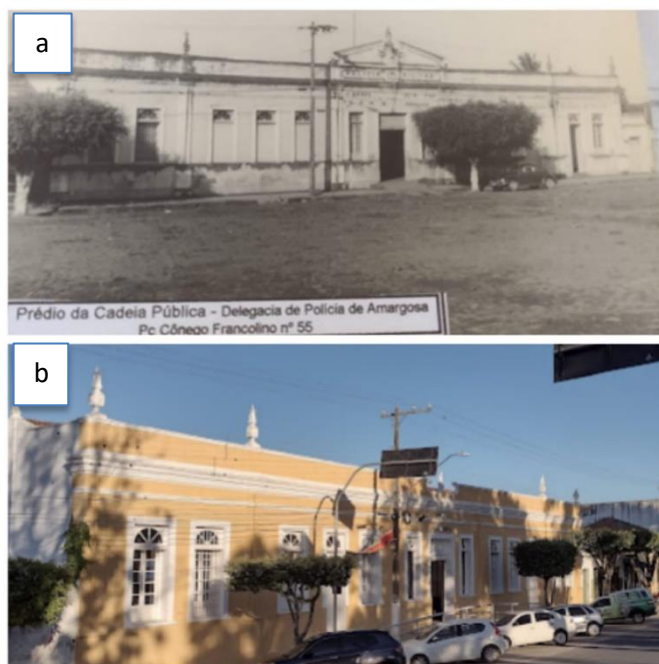
Foto: Silva, trabalho de campo, 2019.

Trata-se de uma posição estratégica, pois as bandas chegavam pelos fundos da Estação, atravessando internamente o prédio (onde há neste momento espaços transformados em camarim, sala de imprensa, etc) para finalmente ter acesso ao palco de apresentação.

3.2 Delegacia Pública de Amargosa (1896)

Inaugurado no ano de 1896 na gestão do Intendente coronel Francisco Almeida Sampaio, o prédio da antiga Delegacia Publica de Amargosa (Figura 08, a seguir) localiza-se no ‘coração’ da cidade, bem próximo ao Cristo Redentor.

Figura 08: a) Prédio da Cadeia Pública (sem data) / b) Prédio da Cadeia Pública (Casa do Duca) em 2022



Fonte: a) Arquivo Regina Almeida; b) Silva, trabalho de campo, 2022.

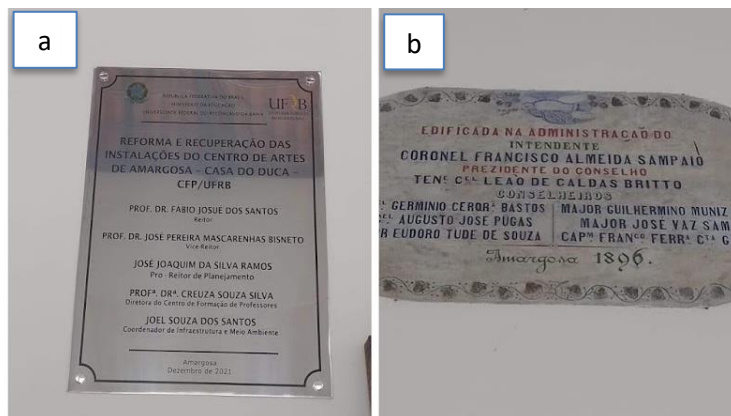
Não há informações sobre quanto tempo funcionou como delegacia ou o ano no qual foi desativado. O fato é que por décadas o prédio ficou completamente abandonado, sem nenhum cuidado de preservação. No ano de 2008, o prédio foi doado pela Prefeitura Municipal de Amargosa ao Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), porém em 2009 o mesmo espaço precisou ser interditado por não apresentar condições de uso. Nas mãos da Universidade, o prédio passou a sediar a CASA DO DUCA, que consiste em

um programa permanente de extensão da UFRB, que abriga os projetos de extensão do Centro de Formação de Professores (CFP), bem como seus grupos de pesquisa e as atividades culturais ligadas a eventos, cinema e teatro. O Centro tem como objetivo o fomento da vida cultural de Amargosa e região, entendendo por vida cultural não apenas as manifestações artísticas, mas também a elaboração científico-tecnológica, bem como a reflexão crítica, a produção intelectual, e a participação política no desenvolvimento da região. (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2022)

Após obras de completa restauração durante os anos de 2020 e 2021, o prédio foi reinaugurado e entregue a comunidade em dezembro do mesmo ano (Figura 09). Atualmente o prédio funciona diariamente e nele são realizados eventos educativos-culturais dos mais diversos seguimentos, inclusive exposições de obras de arte, quadros,

palestras e pequenos musicais. Ficando claro que quando o espaço é utilizado, se cria uma identidade de pertencimento naqueles que o frequentam, permitindo sua manutenção na paisagem.

Figura 09: a) Placas da reforma, datada de dezembro de 2021 (à esquerda) / b) Placa da inauguração original de 1896 (à direita)



Fonte: Silva, trabalho de campo, 2022

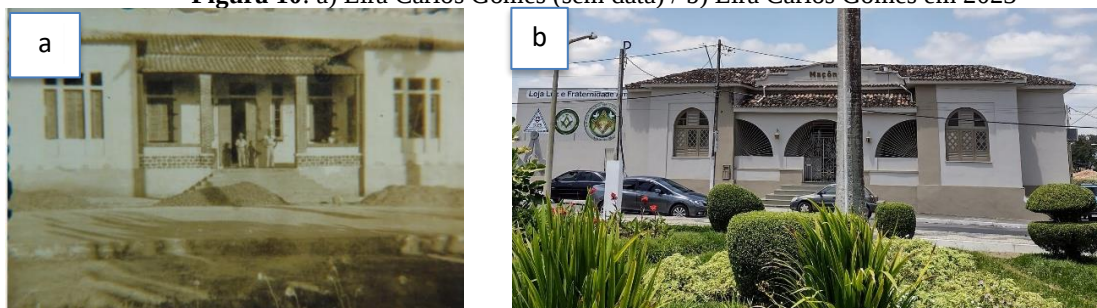
Da mesma forma que a Estação Ferroviária citada anteriormente, a Cadeia Pública também passou por este processo de transformação de sua utilização original. Na verdade, nota-se uma completa mudança de uso deste espaço, já que o mesmo deixou de ser um local para aqueles excluídos da sociedade, para justamente ser um local de inclusão e acolhimento às pessoas com desejo de aprender e ter contato com os mais variados ramos do saber e pensar, evidenciando a heterogeneidade dos lugares com o passar do tempo histórico. Este fato é observado claramente nas novas utilizações tanto da Ferroviária, como da Cadeia Pública.

Salienta-se que, por fazer parte do centro histórico do município, o equipamento deveria ter sido, há mais tempo, preservado. Porém, somente após parceria com a UFRB que o mesmo saiu do estado de inércia e abandono que se encontrava. Nota-se que houve uma preocupação na manutenção de sua fachada externa, porém seu interior foi reformado, com nova pintura e substituição do telhado. O patrimônio, no seu período de abandono, passava-se praticamente despercebido da população, já que não era utilizado, porém com a recente utilização cotidiana, o mesmo prédio voltou a ser integrante e reconhecido como elemento constituinte da paisagem amargosense.

3.3 Lira Carlos Gomes (1905)

Numa demonstração clara de uma sociedade cultural (e musical), o prédio da Filarmonica Lira Carlos Gomes foi inaugurado em 1905. No passado, a Lira era uma associação de músicos que utilizavam o espaço para ensaios e apresentações de fanfarras e espetáculos musicais. Aos poucos muitas destas Liras e Filarmonicas foram fechadas e acabaram esquecidas. Além da Carlos Gomes, em Amargosa existia também a Filarmonica 15 de Abril nas imediações do atual Calçadão, desfilando em momentos cívicos, como por exemplo o 07 de Setembro.

Figura 10: a) Lira Carlos Gomes (sem data) / b) Lira Carlos Gomes em 2023



Fonte: a) amargosaemfotos.blogspot.com; b) Silva, trabalho de campo, 2023.

Em Amargosa, o prédio da Lira funciona atualmente como sede da Loja Maçonica Luz e Fraternidade Amargoense se reunindo no local para discussões sobre filosofia e espiritualismo e elaboração de projetos sociais. Além disso, o espaço serve para eventos, como recepção de casamentos, formaturas e aniversários. Atualmente no prédio acontece o Projeto Cuida Bem de Mim, da Prefeitura Municipal (destinado a atividades físicas para a terceira idade) e diversos tipos de reuniões. Claramente o prédio tem seu uso modificado ao longo do tempo, sendo utilizado para outros fins, além do seu original. Chama a atenção que sua fachada também foi modificada, mas permanecendo a escadaria em seu acesso principal.

3.4 Cine Theatro Pérola (1930)

O Cine Theatro Pérola (Figura 10), importante símbolo do período áureo de Amargosa e da existência de uma elite que consumia cultura, localizado na rua Moreira Coelho e envolto por outras construções da primeira metade do século XX, foi inaugurado em 1930 e passou, durante sua existência, por diversos donos. Marques (2010, p. 51) sobre este período relata que “a chegada do cinema em Amargosa se deu de forma duplamente gloriosa, pois se festejava tanto o cinema quanto a luz ‘electrica’, ambos nunca antes vistos pela quase totalidade da população”. O Cine Theatro Pérola funcionou tanto como cinema e teatro, como também casa de espetáculos, shows musicais e concurso de calouros, recebendo artistas locais e de cidades circunvizinhas.

Figura 11: a) Cine Theatro Pérola em 1930 / b) Câmara Municipal de Amargosa em 2022



Fonte: a) Arquivo Regina Almeida; b) Silva, trabalho de campo, 2022.

Como curiosidade, o Cine Theatro possuía serviço externo de alto-falantes, que todos os dias, por décadas, executavam sempre às 18h, o Angelus (oração católica de devoção a Nossa Senhora), além disso, os mesmos altofalantes faziam propaganda do comércio local, notas de falecimento e avisos de utilidade pública a qualquer momento do dia. O Cine Theatro ainda possuía discoteca e dois pavimentos (um inferior com 300 lugares em declive, e outro superior com acesso através de mezanino). Marques (2010) comenta que

O cotidiano citadino era permeado pelo Pérola, com sessões de filmes, apresentações teatrais, programas de calouros, shows com artistas reconhecidos nacionalmente, funcionando ainda como rádio local, com

seu sistema de alto-falantes espalhados pelo centro da cidade. (Marques, 2010, p. 51)

Após pouco mais de 40 anos de funcionamento, o Cine Theatro foi vendido e fechado, funcionando por breve período como depósito de sisal. Após ter seus equipamentos vendidos, o prédio foi, por fim, demolido no ano de 1983. Mesmo assim, o local ainda hoje é lembrado e guardado na memória sobretudo dos amargosenses mais antigos. Neste caso, nota-se a inexistência, na época, de uma consciência de preservação, já que o patrimônio representava a hegemonia da cidade no período do café, como também a existência de uma elite que consumia cultura local.

Cerca de duas décadas após sua demolição, no mesmo terreno do Pérola foi construída a sede da Câmara Municipal de Amargosa (figura 08, acima), inaugurada no ano de 2006. Este fato é curioso e contraditório, já que é a Câmara que tem a função da criação das diversas leis que regem o município, dentre elas a preservação do próprio patrimônio local. Inclusive, em Amargosa, a Lei Orgânica de 2012, entre outras coisas, regulamenta sobre a preservação patrimonial do município. Em seu Capítulo V (Das competências), Seção I (Da competência privativa), artigo 12, consta o seguinte:

Compete ao Município: [...] XII - promover a proteção do patrimônio histórico, cultural, arquitetônico, imaterial e ambiental local, observadas a legislação e a ação fiscalizadora federal e estadual; (Redação dada pela Emenda de nº 001, de 2012).

Por sua vez, na seção II (Da Cultura), é exposto o seguinte:

Art. 181-A. Ficam sob a proteção do Município os monumentos, as paisagens naturais notáveis, os documentos, as obras, os conjuntos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, cultural, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico tombados pelo Poder Público municipal. (Incluído pela Emenda de nº 001, de 2012).

Assim sendo, é importante que setores e órgãos públicos se articulem afim de promover políticas que visem a preservação e conservação dos patrimônios ambientais urbanos de Amargosa pra que a história da cidade, materializada na paisagem local, seja, de fato, preservada, já que há lei neste sentido. Sobre isto, em entrevista, o vereador e vice-presidente da Câmara de Amargosa entre 2023 e 2024, Paulo Rocha¹ (2023) afirma que é

¹ Entrevista concedida por Rocha, Paulo. (06/2023). Entrevistador: Karlos Vynícius Teles Silva. Amargosa. 2023.

a partir dos patrimônios edificados de nossa cidade que as pessoas vão ter conhecimento do que aquilo representa e também para que as novas gerações tenham conhecimento da nossa história e o quanto é gratificante fazer parte desta história. Nosso povo precisa conhecer nossa história e nossa cultura, e para isto, é preciso ter os patrimônios preservados, para que fiquem, tanto para nossas gerações, quanto para as próximas gerações.

Com relação a preservação e como o poder público pode auxiliar neste assunto, em questões relacionadas também a educação, cultura e identidade, o mesmo vereador diz que

com a aplicabilidade da lei, antenados ainda com o orçamento do município, a Câmara pode auxiliar neste processo, isto pode ser feito através de Projetos Indicativos. O município pode ajudar também através das escolas e dos espaços socioculturais e educacionais aonde eles orientem esses meninos e meninas, adolescentes, para que conheçam verdadeiramente o que faz parte de sua história, e conseqüentemente, de sua identidade. Esse Cristo de Amargosa foi feito por Pedro Ferreira, mas quem foi Pedro Ferreira? A Catedral de Amargosa é no estilo gótico, mas o que é o estilo gótico? Qual o contexto histórico em que foi construída? Quando eu conheço isso, eu me conheço.

Portanto observa-se que em Amargosa a consciência e valorização da importância da preservação é algo mais recente e que no caso do Pérola, faltou, na época, sensibilidade com o patrimônio, já que o mesmo representava um período no qual o município era destaque a nível regional, contudo após sua falência e falta de uso, não houve nenhuma preocupação na manutenção do mesmo, como é evidente na figura 11, abaixo. Porém com esta nova forma de se pensar atualmente espera-se que os patrimônios ainda existentes sejam, efetivamente, preservados.

Figura 12: Demolição do Cine Theatro Pérola



Fonte: Arquivo Regina Almeida, 1983.

Hoje em dia, apesar de haver ainda algumas demolições, já há no município uma preocupação maior, seja por conta da existência da Lei Orgânica, a qual não existia no passado, seja por conta da Universidade Federal do Recôncavo, ou também por conta do discurso de alguns representantes de órgãos públicos que reconhecem a importância da preservação da cultura do município, seja ela material ou imaterial, compreendendo ainda que esta seja transmitida a população através de órgãos oficiais como as escolas, esta importante propagadora do conhecimento e disseminadora da cultura local as gerações presentes. Inclusive, nas proximidades da rua do Pérola, ainda nos dias atuais existem moradias do mesmo período de sua atividade.

Podemos ver na figura 10 abaixo, duas destas casas, as quais exibem em suas fachadas o ano de construção. Algumas delas possuem o símbolo SC (Santa Casa) sendo importantíssima a sua preservação por fazerem parte do ‘centro histórico’ do município.

Figura 13: Casas construídas em 1954 e 1952, respectivamente

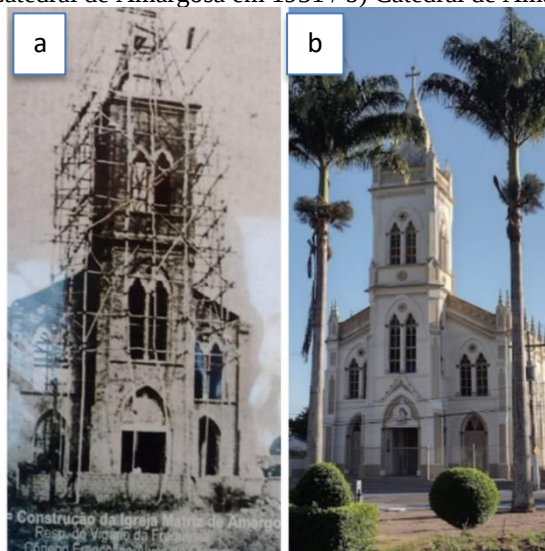


Fonte: Silva, trabalho de campo, 2022

3.5 Catedral de Amargosa (1936)

A Catedral de Nossa Senhora do Bom Conselho, outra importante edificação do período áureo de Amargosa e representante da principal religião do período, é matriz de Amargosa e sede da Diocese². Idealizada pelo Conego José Francolino, teve sua primeira pedra fundamental colocada em 1894 e foi finalizada sua construção em 1936 pelo Cel. Benedito Almeida, o qual era pai do padre Almeida, vigário bastante conhecido no município. A nova igreja viria a substituir, também em novo local, a primeira capela da cidade, demolida por conta do seu estado de conservação, onde atualmente localiza-se o Cristo Redentor, o qual será falado posteriormente. A igreja revela ainda a forte influência católica de uma cidade que, apesar de pequena, é Sede de Diocese e, assim sendo, possui o título de Catedral³.

Figura 14: a) Catedral de Amargosa em 1931 / b) Catedral de Amargosa em 2022.



Fonte: a) Arquivo Regina Vaz; b) Silva, trabalho de campo, 2022.

O templo católico possui estilo arquitetônico neogótico⁴, caracterizado pelo verticalismo e utilização de vitrais. Nota-se ainda a existência de uma simetria vertical, como também a opção por linhas retas (REBOUÇAS, 2013). Desde sua inauguração até

² A Diocese de Amargosa foi criada no ano de 1941 pelo Papa Pio XII e atualmente é constituída por 27 municípios, na qual Amargosa é a Sede diocesana, onde reside o Bispo, numa rede de 38 paróquias e mais de 600 mil habitantes.

³ Catedral é a principal igreja de uma Diocese, na qual celebra o Bispo Diocesano, sendo Amargosa a 'capital', sede do episcopado.

⁴ O estilo neogótico é um movimento arquitetônico que surgiu na Inglaterra em meados do século XVIII e popularizou-se no Brasil a partir de finais do século XIX. Suas principais características são o verticalismo, as torres pontiagudas, o maior número de janelas e portas, grandes vitrais, planta arquitetônica com formato de cruz latina, além de abóbadas de arcos cruzados.

os dias atuais a igreja já passou por uma série de reformas e reparos, como pinturas interna e externa, troca da rede elétrica e substituição do telhado. A manutenção do templo, que é feita periodicamente, é de responsabilidade da paróquia Nossa Senhora do Bom Conselho e da Diocese de Amargosa.

A igreja está situada em frente à Praça Lourival Monte. Esta última, com mais de 15.000 metros quadrados, foi inaugurada em 1934 também com a função de embelezamento da cidade. Na praça costuma-se utilizar técnicas de jardinagem que dá forma as plantas (corações, cestas, pessoas, bancos, etc), como é visto na figura 15, a seguir.

Figura 15: Praça Lourival Monte



Fonte: Silva, trabalho de campo, 2022.

3.6 Estátua do Cristo (1939)

O monumento do Cristo Redentor, em Amargosa, localizado atualmente na Praça Iraci Silva (conhecida popularmente por Praça do Cristo), foi inaugurado no ano de 1939, na gestão do prefeito Raul Paranhos, como forma de demarcar territorialmente o espaço onde estava localizada a primeira capela da cidade, que foi demolida. Mantendo naquele local o aspecto religioso, trata-se de uma estátua de concreto armado, curiosamente confeccionada pelo escultor Antônio Pedro Ferreira, o mesmo responsável pela decoração interna da Matriz inaugurada três anos antes (REBOUÇAS, 2013).

Figura 16: a) Cristo Redentor de Amargosa em 1939 / b) Cristo Redentor de Amargosa em 2022



Fonte: a) Arquivo Regina Vaz; b) Silva, 2022.

Portanto observa-se que houve uma preocupação pela simbologia do lugar, que ao mesmo tempo perdeu uma edificação religiosa, mas ganhou posteriormente outro símbolo com viés praticamente similar, pois ambos são relacionados à Igreja Católica. Rebouças (2013, p. 9-10) dialogando sobre alguns ‘lugares de memória’ em Amargosa afirma o seguinte:

O Cristo, assim, assumiu o lugar da antiga Capela, como um indício do “novo” em contraposição ao “velho”, como símbolo da modernidade: uma espécie de “miniatura” do monumento do Cristo no Corcovado, que, por sua vez, também seguiu em sua arquitetura um modelo europeu. [...] o monumento foi pensado e erigido pelo poder público, talvez, enquanto um símbolo da principal religião da cidade, numa espécie de substituição da antiga capela que demarcou o seu principal centro. Assim, o monumento apesar do seu aspecto artístico moderno, também permitia essa visualidade em seu aspecto religioso. (REBOUÇAS, 2013, p. 9-10)

Durante décadas o Cristo Redentor esteve envolto com a feira-livre, porém na década de 1990, a gestora municipal Iraci Silva realocou a feira para um outro ponto da cidade. O espaço antigo da feira foi ocupado com uma praça, a qual ‘abraçou’ o Cristo, sendo este um de seus elementos principais, juntamente com uma fonte luminosa, numa

área propícia para realização de pequenos eventos. Portanto, o Cristo existe antes da Praça (cerca de 60 anos antes), o qual foi inserido perfeitamente na planta original da mesma.

Figura 17: a) Praça do Cristo, antiga Feira Livre municipal



Fonte: Silva, trabalho de campo, 2022.

No ano de 2022 a praça foi requalificada, mantendo todos seus aspectos originais, como é possível notar na figura 14, inclusive com a fonte luminosa, após anos desativada. Nota-se uma preocupação com o patrimônio, já que o Cristo as vezes é lavado através de carro-pipa, numa demonstração de zelo por um dos patrimônios mais lembrados quando se fala em Amargosa, juntamente com a Igreja Catedral e Praça Lourival Monte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos ao longo do texto, os conceitos de cidade, paisagem e patrimônio ambiental urbano são bastante abrangentes e se relacionam a aspectos intimamente ligados à questão simbólica da percepção do espaço geográfico. Isto é, que dizem respeito à memória afetiva e histórica e onde ela se localiza nas nossas cidades, na paisagem urbana e que muitas vezes se encontra na contemplação de um monumento, de um conjunto urbanístico, de um templo religioso, de uma estação ferroviária ou mesmo de uma manifestação cultural de cunho individual ou coletiva. É onde culmina a nossa identidade.

Na tentativa de responder às questões levantadas no início deste trabalho, e levando-se em conta a atual conjuntura em que vivemos no país, vemos que os patrimônios são mantidos por conta de iniciativas da comunidade ou por conta do uso cotidiano, a exemplo das igrejas. Salienta-se que se faz necessária uma maior interferência do poder público municipal no sentido da preservação do seu acervo patrimonial.

Nota-se ainda a preocupação de alguns representantes de órgãos públicos com estes mesmos monumentos, mas também a consciência de que se trata de um elo entre sociedade e os próprios governantes para mantê-los ‘de pé’, já que a preservação patrimonial depende, acima de tudo, de um pacto entre sociedade civil organizada e poder público, tendo em vista a valorização histórico cultural e a preservação física dos próprios monumentos. Percebemos uma certa atenção, ainda que pequena, do setor público do município de Amargosa com seu patrimônio devido a própria existência de lei pertinente ao assunto, devendo a sociedade, por sua vez, exigir aos órgãos competentes seu amplo cumprimento na prática.

Enfim, sabemos que a identidade está intimamente ligada ao patrimônio que estamos produzindo e que devemos preservar. Ou seja, é a cultura que realizamos e que é fundamental para a manutenção dos nossos valores espirituais e simbólicos. Assim, observamos que enquanto alguns monumentos são preservados, outros são praticamente esquecidos. Observa-se também a questão da afetividade, do significado e da sensação de pertencimento que faz com que o morador da localidade se sinta reconhecido por aqueles elementos na paisagem, apesar de se observar ainda certa acomodação das pessoas em

relação à proposição de iniciativas junto ao poder público que garantam sua requalificação e sua preservação.

Salienta-se que a existência de uma Cultura da Preservação trata-se de um processo gradual, por vezes lento e adquirido apenas com tempo e esforço, tanto dos organismos públicos, como de todos aqueles que compreendem a importância do próprio patrimônio para valorização da história local. O que se teme com isto é que o processo de apagamento da história seja mais rápido que o caminho da preservação.

Daí compreendemos a importância do preservar, fruto de um pensamento maior que enxerga a cidade como um todo, como um conjunto de expressões indissociáveis que marcam a história daquele povo, fazendo parte da memória e cultura, expressas nos patrimônios. Na atualidade se observa a descaracterização de alguns patrimônios e a derrubada de outros, porém a existência de instituições que irão cobrar pela preservação destes elementos, talvez impeça uma destruição total das riquezas materiais de todo o município.

Portanto, vemos a importância da presença de órgãos construtores do conhecimento, como as universidades, para ser possível uma nova visão e percepção a respeito dos patrimônios locais, instigando seus moradores e setores que os representam a preservar, como uma forma de manter viva a história. Caso esta consciência de Cultura da Preservação existisse no passado, talvez elementos como o Cine Theatro Pérola ainda estivessem de pé para apreciação das gerações futuras. Cabe a sociedade estar consciente de sua própria história e identidade para que compreenda o significado de cada patrimônio.

Pode-se então considerar que, com relação ao Patrimônio Ambiental Urbano de Amargosa, o município passa por uma nova fase, na qual apesar de alguns prédios históricos e quase seculares virem a ser descaracterizados, já há uma consciência, mesmo que mínima, da necessidade de preservação daqueles patrimônios que ainda restam na cidade, mas também é preciso reutilizá-los com outras funções a serviço da comunidade, como é o caso dos museus, bibliotecas, secretarias, espaços culturais, etc, como já acontece com a antiga Delegacia (atual Casa do Duca – UFRB) e Estação Ferroviária (atual Senac).

Por fim, esperamos que este estudo sirva como mais um elemento que ajude no conhecimento da realidade da cidade de Amargosa, no sentido de contribuir com informações a respeito da sua importância no contexto regional e local, tendo o patrimônio como testemunha de sua história e relevância ao longo dos tempos.

REFERÊNCIAS

BEZZI, M. L.; CAETANO, J. N. **Reflexões na Geografia Cultural: a materialidade e a imaterialidade da cultura**. In: *Sociedade e Natureza*. Uberlândia, 2011, p. 453-466.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Patrimônio Cultural**. Disponível em: <http://cultura.gov.br/patrimoniocultural/>. Acessado em 15 fev. 2021.

CARDOSO, J. J. **Patrimônio Ambiental Urbano e requalificação: contradições no planejamento do núcleo histórico de Santos**. 2007. Tese (Doutorado). Geografia. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2007. Disponível em https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-10122007-154707/publico/TESE_JORGE_JESUS_CARDOSO.pdf. Acesso em 2 jul. 2022.

COLI, J. **Reflexões sobre a ideia de semelhança, de artista e de autor nas artes - Exemplos do século XIX.19&20**. Rio de Janeiro, v. V, n. 3, jul. 2010. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/ha/coli.htm>. Acesso em 15 fev 2022.

ESTILOS arquitetônicos. **Museu de Arte Sacra**. 2020. Disponível em <https://www.museudeartesa.org.br/2020/01/08/estilos-arquitetonicos-gotico-e-neogotico/>. Acesso em 07 dez. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – **Cidades e Estados. Amargosa**. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/amargosa.html>. Acesso em. 21 abr 2022.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais**. / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto e revisão de Natália Guerra Brayner. 3. ed. Brasília, DF: Iphan, 2012.

LINS, R. O. **A região de Amargosa: transformações e dinâmica atual (recuperando uma contribuição de Milton Santos)**. Dissertação de Mestrado em História. Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007. p. 63-109/164-167.

MARQUES, E. dos S. **Uma história social dos carnavais de Amargosa: modos de brincar e os “cão”, 1940-1980**. 171 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2010. p. 28-53.

REVISTA AMARGOSA CENTENÁRIA: 1891 - 1991. Amargosa, 1991.

SANTOS, L. G. S. dos. **Discurso X Realidade: Uma análise da proposta de zoneamento de uso e ocupação do solo no Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal (Pddm) da cidade de Amargosa – Bahia**. 214 f. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017. p. 82-112.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia**. São Paulo. Hucitec, 1998. Caps. 2, 3 e 4.

SILVA, L. C. R. da. **Paisagem cultural do Recôncavo Baiano: Uma narrativa espacial regional a partir da análise do patrimônio urbano**, 269 p. Tese de Doutorado. Instituto de Ciências Humanas. Universidade de Brasília. Brasília, 2015. p. 46 - 84.

TONASSO, M. C. P. **O Patrimônio Ambiental Urbano e sua relação com os instrumentos urbanísticos de preservação na cidade de São Paulo**. In: Rev. CPC. 2017. São Paulo. n. 23. pag. 12-27. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/127707/130978>. Acesso em 19 jun. 2022.

TOURINHO, A. O.; RODRIGUES, M. **Patrimônio Ambiental Urbano: uma retomada**. In: Rev. CPC. 2016. São Paulo. N. 22. Pag. 70-91. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/111915/122079>. Acesso em 07 set. 2022.

UFRB-UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECONCAVO DA BAHIA – **Amargosa Cidade Jardim**. 2020. Disponível em <https://www.ufrb.edu.br/cfp/amargosa-cidade-jardim> . Acesso em 12 out. 2022.

YÁZIGI, E. **A Alma do Lugar**. Turismo, planejamento e cotidiano. São Paulo: Contexto, 2001.

YÁZIGI, E. O patrimônio ambiental urbano: uma conceituação ampliada e aperfeiçoada. In: **Revista Hospitalidade**. 2012. São Paulo, v. IX, n. 1, p. 22 - 51. Disponível em: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/471>. Acesso em 15 nov. 2022.